Guia oficial de lady Whistledown

OS BRIDGERTONS

UM AMOR DE FAMÍLIA

Julia Quinn

OS BRIDGERTONS,
UM AMOR DE FAMÍLIA

JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS,

UM AMOR DE FAMÍLIA

GUIA OFICIAL DE

LADY WHISTLEDOWN

ARQUEIRO

Título original: *The Wit and Wisdom of Bridgerton*

Copyright © 2021 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Resende, Ana Rodrigues, Cássia Zanon, Claudia Costa Guimarães e Viviane Diniz

preparo de originais: Gabriel Machado, Sheila Louzada e Taís Monteiro

organização do volume e produção editorial: Ana Sarah Maciel

revisão: Jean Marcel Montassier e Juliana Souza

projeto gráfico: Bonni Leon-Berman

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Alan Dingman

imagem de capa: © Lee Avison/Trevillion Images

adaptação de capa: Natali Nabekura

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64b
Quinn, Julia
Os Bridgertons, um amor de família : guia oficial de Lady Whistledown / Julia Quinn ; [tradução Ana Resende ... [et al.]]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.
224 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The wit and wisdom of Bridgerton
ISBN 978-65-5565-247-5

1. Ficção americana. I. Resende, Ana. II. Título.

21-74035 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

1 Anthony 11

2 Kate 29

3 Benedict 47

4 Colin 61

5 Penelope 81

6 Daphne 97

7 Simon 113

8 Eloise 129

9 Francesca 145

10 Gregory 161

11 Hyacinth 175

12 Violet 191

13 Lady Danbury 209

INTRODUÇÃO

Queridos leitores,

Eu venho de uma família grande. Três irmãs, um irmão, vários cunhados e cunhadas, sobrinhas e sobrinhos... e uma verdadeira frota de primos (tenho muito orgulho em dizer que uma das pessoas que mais amo no mundo é um primo de *terceiro* grau). Eventos de família às vezes me deixam exausta – ninguém nunca acredita quando digo que sou a quietinha da família –, mas são sempre divertidos. Somos bobos, somos ácidos e interrompemos uns aos outros com muito mais frequência do que a educação manda.

Nunca é entediante.

E nos amamos. Intensamente.

Acredito que essa profundidade de apoio incondicional seja algo que todos desejamos. E, embora contemos com o infalível "felizes para sempre" de todo casal principal dos livros desta série, acredito que quem me lê anseia também pela rede de apoio que cerca uma família como os Bridgertons. Gosto de pensar que, se fossem uma família contemporânea, os Bridgertons teriam um grupo de mensagens tão ativo que todos (especialmente Francesca) teriam que silenciar as notificações. Violet, é claro, reinaria suprema com oito calendários do Google Agenda identificados por cores.

Espero que em cada um dos personagens haja alguma característica com que os leitores e leitoras se identifiquem. Por

trás da narrativa alegre e despreocupada residem problemas e conflitos reais, batalhas que, embora se passem no mundo glamouroso do período regencial britânico, ainda são relevantes e familiares a nós hoje. Anthony sente o peso de se ver subitamente responsável pela família. Violet e Francesca precisam aprender a continuar vivendo depois da perda. Outros personagens andam às voltas com questões de identidade, como: quem somos nós fora do papel que nos coube na nossa família? Por que esconder uma parte de si daqueles que lhe são mais próximos? Todos já tivemos momentos em que tudo que queríamos era dar sentido ao mundo que nos cercava, descobrir quem éramos e quem queríamos ser.

Os Bridgertons não são diferentes, apesar de todo o privilégio de que desfrutam. E é por isso que os amamos.

Muitos me perguntam se os atores da série de streaming *Bridgerton* correspondem à ideia que eu fazia deles na minha cabeça enquanto escrevia. A resposta é não, mas só porque não sou uma escritora muito visual. Raramente tenho uma noção nítida da aparência dos meus personagens (não costumo ter nem uma vaga noção, para ser sincera... não é à toa que trabalho com palavras e não com imagens). Mas quando voltei aos livros – desde *O duque e eu* até *A caminho do altar* – para reunir citações para este livro, aconteceu algo interessante: eu finalmente "vi" meus personagens. Não importava que eu tivesse descrito Simon com olhos azuis. Na minha cabeça, ele era Regé-Jean Page. Quando Daphne sorria, eu via

o rosto de Phoebe Dynevor. Ouvia Adjoa Andoh nas palavras de lady Danbury, e foi a mão de Claudia Jessie que vi escrevendo as cartas de Eloise para sua família. A série acrescentou uma camada de riqueza aos livros, assim como espero que os livros expandam a experiência de assistir à série. As duas coisas são complementares, no melhor sentido da palavra.

Mas esta compilação se concentra nos livros, e é por isso que você não vai encontrar nestas páginas algumas das suas cenas preferidas da série. Tentei reunir as minhas citações favoritas dos romances Bridgerton, ou pelo menos as que melhor representam e ilustram cada personagem. Não foi fácil. Havia muitos trechos que simplesmente não funcionavam fora de contexto, enquanto outros exigiram uma leve edição para ficarem mais claros. Em alguns pontos, troquei um pronome por um nome próprio. Em outros, cortei uma frase desnecessária. Todos ganharam uma menção totalmente nova nas *Crônicas da sociedade de lady Whistledown*, o que foi pura diversão para mim – já fazia bem mais que uma década que eu não escrevia com a pena dela.

Um Bridgerton. Ser um deles é saber que se faz parte de uma família profundamente unida por uma lealdade inabalável e um amor inquestionável. E por risadas.

Sempre muitas risadas.

Com carinho,
Julia Quinn

1

ANTHONY

Está sendo uma semana tediosa em Londres, portanto vamos falar sobre um dos momentos mais animados dos últimos anos, sobre um cavalheiro hoje tão tranquilo e, nos arriscamos a dizer, tão *tediosamente* casado que esta autora não tem encontrado motivo para incluí-lo nesta publicação.

A verdade é que o visconde Bridgerton praticamente deixou de ser um assunto interessante para notícias (circunstância que ele provavelmente aprecia). O cavalheiro em questão dança com a esposa com tanta frequência que já nem é mais escandaloso. Também dança com a mãe, com as irmãs e com a cunhada, e presumimos que um dia dançará com a filha.

Absolutamente tedioso para um ex-libertino sobre o qual já foi um imenso prazer escrever.

Mas se esta autora tivesse que comentar um momento de que os membros mais novos da aristocracia talvez não tenham conhecimento, e que os mais velhos podem já ter esquecido, seria a vez em que ele fez *aquilo*. *Naquela noite*.

Aconteceu em Aubrey Hall, a propriedade de campo da família Bridgerton, e com certeza teria sido o assunto da temporada se no dia seguinte o visconde não tivesse se visto surpreendentemente comprometido com o casamento, em meio a circunstâncias não reveladas e com uma dama que ele não estava cortejando.

Naturalmente, na ocasião esta autora optou por escrever sobre essa chocante mudança no rumo dos acontecimentos. Como resultado, *aquilo* que ele fez *naquela noite* acabou não sendo noticiado.

Mas *aquilo* de fato aconteceu, querido leitor. E *aquela noite* foi gloriosa.

Foi uma reunião festiva no campo organizada pela mãe do visconde, a estimada lady Bridgerton, para a qual foi convidada uma verdadeira multidão de damas solteiras e na qual lorde Bridgerton, como anfitrião, deveria acompanhar uma ou outra duquesa até o salão de jantar.

Eis que lorde Bridgerton ouve uma das moças tecer um comentário cruel sobre outra. Quem era a Moça Insultada não é relevante para esta história, e a Moça Cruel não vale sequer ser mencionada. Este relato é sobre Anthony Bridgerton, sobre como ele se tornou um herói para as jovens que se viam esquecidas em cantos de salões por toda parte.

Do alto de seu grande porte, lorde Bridgerton praticamente projetou uma sombra sobre a Moça Cruel, lançou-lhe um olhar (Ai. Meu. Deus!) de puro desprezo (Sim!) e declarou que acompanharia a Moça Insultada até o salão.

Não, caro leitor, esta autora não está exagerando.

A Moça Cruel teria reagido dizendo algo como: "Mas o senhor não pode fazer isso!"

Ao que lorde Bridgerton respondeu nas linhas de "Eu estava falando com a senhorita?". Em seguida, dedicou toda a sua atenção à Moça Insultada, acompanhando-a até o salão de jantar na frente de todos, com perfeita graça e deferência, como se ela fosse uma verdadeira princesa.

Foi um momento, caro leitor, espetacular.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN, 1821

É CLARO que a questão dos libertinos já foi assunto discutido antes nesta coluna, e a autora chegou à conclusão de que há libertinos e Libertinos.

Anthony Bridgerton é um Libertino.

Um libertino com l minúsculo é jovem e imaturo. Ele se gaba das próprias proezas, comporta-se feito um idiota e se considera um perigo para as mulheres.

Um Libertino com l maiúsculo sabe que é um perigo para as mulheres.

Não se gaba das próprias proezas, pois não precisa. Sabe que homens e mulheres cochicharão a seu respeito e, na verdade, preferiria que não fizessem isso. Ele sabe quem é e o que fez. Relatos detalhados são, em sua opinião, redundantes.

Não se comporta como um idiota pela simples razão de não ser um (não mais do que se espera de um membro do sexo masculino). Tem pouca paciência para as fraquezas da sociedade e, para ser sincera, na maior parte das vezes esta autora não pode culpá-lo.

E, se isso não descreve à perfeição o visconde Bridgerton, sem dúvida o solteiro mais cobiçado da temporada, esta autora aposentará a pena imediatamente.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
20 DE ABRIL DE 1814

O VISCONDE QUE ME AMAVA

Ele era o primogênito de um Bridgerton que fora o primogênito de um Bridgerton que fora o primogênito de um Bridgerton, remontando a oito gerações. Tinha a responsabilidade dinástica de crescer e se multiplicar.

Algo lhe acontecera na noite da morte de Edmund, quando permanecera no quarto dos pais com o corpo, apenas sentado lá horas a fio, observando-o e tentando com toda a força recordar cada momento que eles haviam passado juntos. Seria tão fácil esquecer as pequenas coisas – como Edmund apertava seu braço sempre que ele precisava ser encorajado, por exemplo. Ou como ele sabia recitar inteira, de cor, "Sigh No More", de Balthazar, música da peça *Muito barulho por nada*, de Shakespeare, não porque a considerasse particularmente significativa, mas apenas porque gostava dela.

Quando Anthony enfim saíra do quarto, os primeiros raios da aurora conferiam uma coloração cor-de-rosa ao céu e ele, por alguma razão, sabia que seus dias estavam contados do mesmo modo que os de Edmund estiveram.

Sabia muito bem como era amar alguém da família e ainda assim não conseguir compartilhar os medos mais profundos. Isso lhe causava uma sensação de isolamento, de estar sozinho em uma multidão barulhenta e amada.

Não era tolo: sabia que o amor existia, mas também acreditava no poder da mente e, talvez ainda mais importante, no da força de vontade. Sinceramente, não via razão para crer que o amor deveria ser algo involuntário.

Se não quisesse se apaixonar, então, diabos, não ia se apaixonar. Simples assim. *Tinha* que ser simples assim. Ou ele não seria um homem de verdade, não é?

Mas a verdade era que ninguém era culpado, nem mesmo ele. Sentiria-se muito melhor se pudesse acusar alguém – qualquer um. Era uma necessidade infantil, mas todos tinham o direito de ser infantis de vez em quando, não é?

– Às vezes, existem razões para os nossos medos que nós não conseguimos explicar. Pode ser só uma sensação, algo que sabemos que é verdade, mas que pareceria infantil a outra pessoa.

Era irônico, mas a morte era a única coisa de que Anthony não tinha medo. A morte não era assustadora para um homem

Um homem charmoso é muito agradável e um homem de boa aparência é, sem dúvida, uma visão que vale a pena, mas um homem honrado, ah, querido leitor, é para ele que as jovens deveriam correr.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE
DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE MAIO DE 1814

Era engraçado, refletiu mais tarde, como a vida de alguém podia mudar num único instante, como tudo podia ser de um jeito num minuto e, no seguinte, simplesmente se transformar em algo... diferente.

O VISCONDE QUE ME AMAVA

solitário. O outro lado da vida não tinha o poder de despertar nenhum temor em alguém que não tivesse ligações na Terra.

Anthony percebeu a preocupação crescente da Srta. Sheffield diante do brilho diabólico nos olhos de Colin. Ele sentia um prazer muito cruel com tudo aquilo. Sua reação era, ele sabia, um tanto desproporcional. Mas algo na Srta. Katharine Sheffield mexia com ele e o tornava *irritante* para confrontá-la.

E vencer. Isso não era nem necessário dizer.

❀

– Ora, com mil demônios! – praguejou Anthony, esquecendo-se por completo de que estava na companhia da mulher com quem planejava se casar. – Ela pegou o taco da morte.

❀

Ela o queria. Anthony conhecia o suficiente das mulheres para ter certeza disso. E, quando a noite tivesse acabado, não conseguiria viver sem ele.

Que *ele* não fosse capaz de viver sem *ela* era algo que se recusava a considerar.

❀

– Posso lhe dar um conselho? – falou Colin, mastigando a noz.

– Não – retrucou Anthony. Ergueu os olhos e viu Colin mastigando de boca aberta. Como esse era um hábito estritamente proibido na casa dos Bridgertons, Anthony imaginou que o ir-

mão só estava fazendo isso para produzir mais barulho. – Feche sua maldita boca – resmungou ele.

Colin engoliu, estalou os lábios e tomou um gole de chá.

– O que quer que tenha feito, peça desculpas. Eu conheço você, e estou começando a conhecer Kate, e sabendo o que sei...

– De que diabo você está falando? – resmungou Anthony.

– Creio – disse Benedict, recostando-se à cadeira – que ele está dizendo que você é um imbecil.

O DUQUE E EU

– Eu estava preparado para matá-lo por desonrá-la. Se você a magoar, garanto que nunca terá paz em toda a sua vida. Que – acrescentou, com o olhar um pouco mais severo – não seria muito longa.

SÉRIE OS BRIDGERTONS

O duque e eu

O visconde que me amava

Um perfeito cavalheiro

Os segredos de Colin Bridgerton

Para sir Phillip, com amor

O conde enfeitiçado

Um beijo inesquecível

A caminho do altar

E viveram felizes para sempre

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br